



# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ  
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB  
HA

# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ  
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



**UFRJ**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade  
Federal de  
Uberlândia



**UFPEL**



**UFRRJ** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO

  
**CEFET/RJ**

## **CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972**

**Presidente de Honra** (in memoriam) – Walter Zanini

### **Diretoria (2020-2022)**

**Presidente** – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

**Vice-presidente** – Neiva Bohns (UFPEL)

**Secretária** – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

**Tesoureiro** – Arthur Valle (UFRRJ)

### **Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)**

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

### **41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios**

#### **Comissão Organizadora**

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

#### **Comitê Científico**

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

#### **Imagem da capa**

Lydio Bandeira de Mello (1929 - ), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

#### **Diagramação**

Vasto Art

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

#### **Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios**

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

**CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte**

**CDD: 709.81**

# Autorretratos fotográficos: embates com os códigos idealizadores do corpo feminino

Niura A. Legramante Ribeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
<https://orcid.org/0000-0003-2142-6142>  
niura.legramante@gmail.com

## Resumo

A visão cultivada de determinadas tipologias de beleza resultou na produção de corpos desnaturalizados e, portanto, ficcionalizados, tanto pela história da arte, quanto pela mídia a serviço do consumo e do desejo. O artigo problematiza a construção da identidade social do corpo frente ao olhar do outro, por meio dos autorretratos em fotografias da artista americana contemporânea Haley Morris-Cafiero. Desnudar preconceitos, resistir e se posicionar contra modelos opressores da sociedade que causam violências psicológicas tem sido a estratégia encontrada pela artista. Autorretratos, autobiografias, representação, construção social do corpo e as vigilâncias na internet são questões discutidas no texto a partir de reflexões de autores como, respectivamente, Susan Bright, Gilles Mora, John Tagg, Erhard Heidt e Juan Maria Prada.

**Palavras-chave:** Haley Morris-Cafiero. . Autorretratos. Representação do corpo. Resistências. Fotografia.

## Abstract

The cultivated view of certain types of beauty typologies resulted in the production of denaturalized bodies and, therefore, fictionalized, by the history of art as well as by the media at the service of consumption and desire. The article discusses the construction of the body's social identity in front of the other's gaze, through self-portraits in photographs by contemporary American artist Haley Morris-Cafiero. Baring prejudices, resisting and taking a stand against oppressive models of society that cause psychological violence has been a strategy found by the artist. Self-portraits, autobiographies, representation, social construction of the body and internet surveillance are issues discussed in the text, deriving, respectively, from the thoughts of the authors Susan Bright, Gilles Mora and Juan Maria Prada, respectively.

**Keywords:** Haley Morris-Cafiero. Self-portraits. Representation of the body. Resistance. Photography.

“O autorretrato é uma veia ricamente explorada na prática fotográfica. Reflete tanto um ponto de vista mais íntimo quanto questões universais”.

Susan Bright

Pode-se partir da pergunta: como a história da arte apresentou os corpos das mulheres ao longo dos séculos? Uma resposta possível a isso é a premissa baseada na constatação de que as representações do corpo feminino foram realizadas por olhares masculinos. A ditadura de uma beleza padronizada se impôs às práticas artísticas que acabaram por ser institucionalizadas e replicadas pois muitos anos. Assim, tendo grande parte da história da arte sido construída por artistas homens, pode-se depreender que as representações dos corpos de mulheres em determinados períodos, tidas como modelos e musas, visou a atender a expectativa do olhar masculino e que a idealização foi um dos critérios para mostrar corpos belos. O olhar perfeccionista masculino não permitiu espaços para as alteridades dos corpos femininos. A visão cultivada de determinadas tipologias de beleza resultou na produção de corpos desnaturalizados como as vênus nas pinturas, que mais parecem mármore brancos. A nudez feminina, como se sabe, foi intensamente explorada em comparação àquela dos homens, seja em temas mitológicos, de gênero e, por vezes, também em temas históricos.

A fotografia desde o século XIX explorou muito os nus femininos eróticos, seja para consumo do universo sexual, seja na construção de poses que forneciam material de trabalho para artistas. Por mais estranho que possa parecer, já eram corpos editados por retoques realizados nos ateliês fotográficos para excluir a marca da passagem do tempo, dando-lhes mais juventude e peles alisadas. Tais espaços, empregavam pintores especializados em retratos que haviam perdido suas encomendas porque foram destronados pela fotografia e, assim, passaram a trabalhar nos ateliês fotográficos realizando os retoques para o embelezamento dos corpos. Como se sabe o fotógrafo Villeneuve que produzia imagens para vender aos artistas, costumava fazer retoques em suas fotografias.

Portanto, os discursos canônicos da história da arte em relação ao corpo da mulher precisam, urgentemente, de um revisionismo crítico por outras formas de abordagens para trazer aportes de alteridades que contradigam os discursos hegemônicos já institucionalizados

## II

Desde o surgimento da imagem técnica, muitos fotógrafos se autorretrataram pautados pelos códigos convencionais da pintura. Gilles Mora entende que a fotobiografia, fabricada por referência literária da autobiografia, foi inaugurada pela exploração argêntica do eu, em outubro de 1840, com

*Autorretrato como afogado*, de Hipolyte Bayard. “Se mostrar permite se dizer?”, pergunta Mora ou se pode traduzir por: “é possível falar de si se mostrando?”

Responder a esta questão ajudaria sem dúvida, a melhor compreender as práticas que, ao longo da história da fotografia (...) colocaram de início o operador para aparecer na foto que ele tirava e, em seguida, para utilizar a fotografia com fins subjetivos.<sup>1</sup>

Assim, o procedimento performático, ao se apresentar na frente da objetiva da máquina, colocado em prática desde o surgimento da imagem técnica, continua com muita potência em determinadas fotografias contemporâneas. Se, para Susan Bright (2010, p. 21), graças à utilização do corpo, “os artistas podem sondar a fragilidade, a vulnerabilidade e a irreducibilidade da condição humana”, pode-se acrescentar que, realizando imagens com os corpos, os artistas também podem sondar o comportamento de outras pessoas sobre as alteridades. Isto é o que faz a artista americana Haley Morris-Cafiero<sup>2</sup>, nas séries de autorretratos *Wait Watchers* (2010). Trata-se de uma investigação que pretende verificar o pertencimento social em relação ao seu corpo, como a sua constituição física pode inscrevê-la em uma identidade social perante o olhar do outro. A imagem do corpo não é estática, mas algo que se estrutura ou desestrutura por meio da relação com o mundo.

A série começou com fins subjetivos como simples autorretratos e se desdobrou para o que Morris-Cafiero chama de “experimento social”. A artista teve a ideia para construir a série *Wait Watchers* (2010) quando percebeu, ao fazer um autorretrato nos degraus da Times Square, em Nova York, em 2010 que um homem ao fundo da foto estava com um olhar obcecado para ela (Figura 1). Ao capturar espontaneamente esta imagem viu que poderia captar reações de outras pessoas. E assim aconteceu com outras fotos que, a princípio, tinham como objetivo serem autorretratos que captavam o seu entorno. Juan Guillermo Droguett observa que o corpo fala:

O corpo significativo enquanto significativo suscita o inesperado, o sugestivo, que diz algo investido do poder, dialoga com o outro. Este corpo que fala também suscita sentimento, é um corpo-imagem,

---

<sup>1</sup> Gilles Mora “Manifeste autobiographique” in MÈAUX, Danièle; VRAY, Jean-Bernard. *Traces photographiques, Traces autobiographiques*. Saint Étienne: Université de Saint Étienne 2004, p.107.

<sup>2</sup> A artista nasceu em Atlanta, Geórgia, 1976. Graduou-se em 1999 em Cerâmica e Fotografia na University of North Florida e, posteriormente, realizou Pós-graduação em Artes na University of Arizona. Atualmente é professora sênior na University of Northampton, na Inglaterra. As fotografias de Morris-Cafiero foram exibidas em exposições individuais e coletivas nos Estados Unidos e no exterior, e foram apresentadas em vários jornais, revistas e online, incluindo Le Monde, New York Times e Salon. Foi nomeada para o Prix Pictet em 2014 e para o Deutsche Börse Photography Foundation Prize (longlist) em 2021 e finalista da residência BMW 2020, Morris-Cafiero tem um MFA da University of Arizona in Art. A Magenta Foundation publicou sua monografia, *The Watchers*, em 2015 e Fall Line Press publicou sua segunda monografia, *The Bully Pulpit*, em 2019. Morris-Cafiero é representado pela TJ Boulting Gallery em Londres.

mas não a nossa própria imagem, senão a imagem do outro. É o outro que me veste com seu olhar. A imagem que eu tenho do meu corpo é o olhar do outro.<sup>3</sup>



**Figura 1.** Haley Morris-Cafiero.  
*Anonymity Isn't for Everyone*, 2010.  
Fotografia, 66 x 60,9 cm. Cortesia:  
arquivo da artista

Se, o eu como um todo é difícil de ser representado, pode-se exprimir aspectos por meio da figuração do corpo pela performance em um lugar em que se apresenta. Prossequindo com o projeto, a artista, durante cinco anos, resolveu instalar sua câmera em um tripé, em lugares bem movimentados nos Estados Unidos, em Berlim, em Praga, em Paris, em Barcelona, no Peru, entre outras cidades, e se colocar na cena de forma distraída, ou fazendo alguma ação enquanto a câmera registra uma sequência de muitas fotografias. Ao mesmo tempo em que ela é vigiada pelos passantes, ela também os vigia com a câmera, sem que eles próprios consigam perceber. Após, Haley examina as imagens para ver se os transeuntes revelam, por meio da linguagem corporal e dos olhares, um comportamento crítico ou inquiridor sobre o seu corpo:

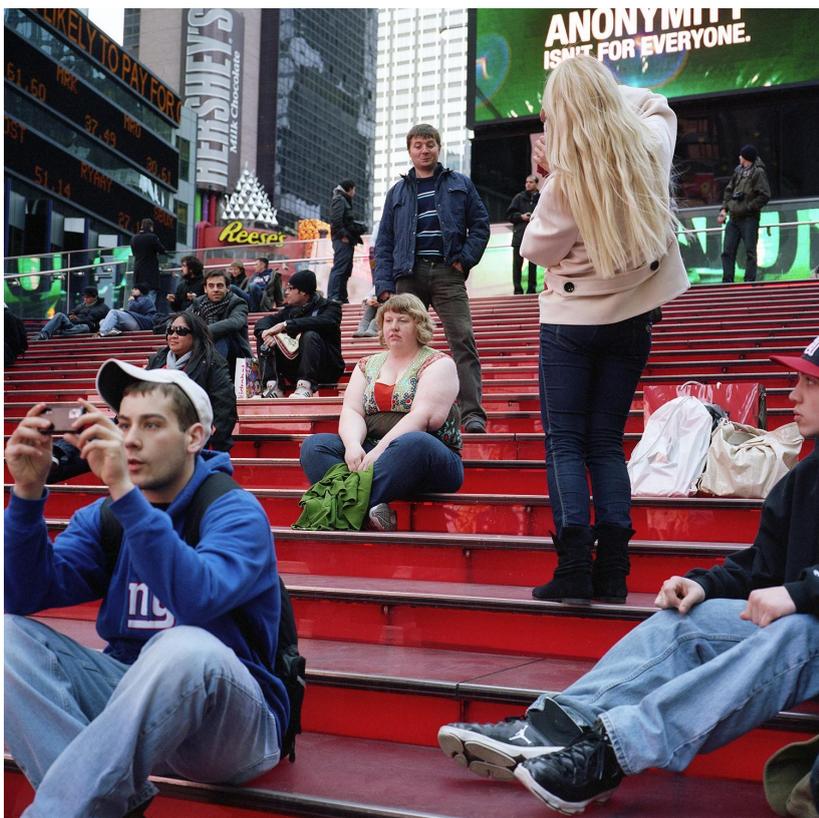
eu viajei o mundo inteiro e tomei fotos de desconhecidos para ver se eles tinham um olhar curioso e crítico no seu rosto ou na sua atitude. Isto se tornou um modo de interrogação sobre o modo que se utiliza

---

<sup>3</sup> Juan Fullermo Droguett. "Corpo e representação" in Lyra, Bernardete; GARCIA, Wilton (orgs.). *Corpo e Cultura*. São Paulo: Xamã: ECA-USP, 2001, p. 34.

o olhar para comunicar nossas opiniões uns sobre os outros como avaliamos nossos próprios valores e com base no olhar dos outros.<sup>4</sup>

Esses autorretratos procuravam investigar o comportamento de pessoas desconhecidas sobre a imagem corporal que não se enquadra no padrão de beleza que a sociedade impõe, como as pessoas julgam os corpos de mulheres que estão com excesso de peso em relação a padrões canônicos. Quando as pessoas não sabem que estão sendo observadas, podem expressar atitudes repulsivas. Pensar o corpo não somente pelo conceito biológico, mas pelo constructo sociocultural que lhe confere estigmas, pode marcá-lo emocionalmente.



**Figura 2.** Haley Morris-Cafiero. *Progress*, 2012. Fotografia, 60.9 x 60.9 cm. Cortesia: arquivo da artista

Os figurinos que a artista veste são roupas comuns, como bermuda e blusa, sem nenhuma evidência de querer mostrar ou chamar atenção para o corpo. Mesmo assim, ela enfrenta fixações de olhares punitivos, sorrisos de deboches e reprovações (Figura 2), tanto de homens como mulheres, em sua maioria jovens. O corpo em todas as culturas pode ser usado e interpretado como símbolo sociopolítico e, desta forma, pode estar em acordo ou desacordo com a sociedade em que vive e estar sujeito a aceitação ou a normas coercitivas.

---

<sup>4</sup> Haley Morris Cafiero. La photographe qui défie les trolls. Depoimento de Haley Morris-Cafiero. Twitter: @France24\_fr. 21 jul. 2021. Disponível em: [https://twitter.com/France24\\_fr/status/1417866660120256514](https://twitter.com/France24_fr/status/1417866660120256514). Acesso em 10 set. 2021.

Um corpo que se coloca como alteridade em relação aos padrões estetizantes, tanto aqueles consagrados pela história da arte, quanto aqueles veiculados pelas mídias, publicidade e indústria da beleza, enfrenta censura. O corpo, no mundo contemporâneo, está na mira da indústria cultural e de entretenimento e dos meios de comunicação de massa:

hoje as imagens idealizadas do corpo estão permanentemente visíveis através da publicidade, do cinema e da televisão. Estas imagens incitam a realizar comparações: vemos o que somos e vemos o que poderíamos ser, com um pequeno esforço (...). O corpo é tanto propriedade do indivíduo como símbolo do ser.<sup>5</sup>

O corpo idealizado que até pode ser levado à descaracterização de identidades fisionômicas, “tem se convertido graças a cirurgias em um campo que se muda, que se trabalha e que se domestica. E aqui se põe e lá se tira” (OLIVARES, 2004, p.148). Em tempos de corpos editados por cirurgias plásticas, por preenchimentos subcutâneos e por todo tipo de procedimento capaz de esconder as chamadas imperfeições para retirar as marcas do tempo, o corpo natural de Morris-Cafiero causa estranhamento para transeuntes que passam por ela nas ruas das cidades. Um corpo que questiona a uniformidade de um padrão esperado ou almejado é motivo para a censura de olhares colonizados por fixações em estereótipos de beleza (Figura 3).



**Figura 3.** Haley Morris-Cafiero. *Stripes*, 2011. Fotografia, 60.9 x 60.9 cm. Cortesia: arquivo da artista

<sup>5</sup> Erhard U. Heidt. “Cuerpo y cultura: la construcción social del cuerpo humano”; OLIVARES, Rosa. “Em Cuerpo y alma” in PÉREZ, David (ed.) *La certeza vulnerable, cuerpo y fotografía em el siglo XXI*. Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 50 e 57.

Olhares cartográficos escaneiam o corpo da artista e a transformam em objeto de escrutinação projetando valorações pessoais do corpo perfeito como critério social e cultural. O que Haley faz é interrogar a concepção do feminino contrapondo e transgredindo conceitos, normas e critérios estandardizados que são transmitidos socialmente.

Além de provocar tais questionamentos a série problematiza a noção de retrato e autorretrato, quebrando a fronteira entre um gênero e outro. Se tradicionalmente a fotografia, seguindo o código da pintura, tem o enquadramento centralizado no corpo ou na face do artista, em geral com um fundo neutro, as imagens de *Wait Watchers* são, ao mesmo tempo, autorretratos e retratos, porque além dela se autofotografar, também faz o retrato de pessoas do seu entorno. Portanto, cabe lembrar o que propõe o autor John Tagg (1988, p. 53) para a definição de retrato, como sendo uma “descrição de um indivíduo e uma inscrição de uma identidade social”.

Se, no século XIX, a fotografia foi utilizada “como um instrumento de poder, um meio de vigilância utilizado pela polícia para controle de delitos”, como mostra Tagg (1988, p. 89), pode-se dizer que na contemporaneidade a fotografia ainda continua a ser utilizada como poder de vigilância por parte da sociedade ao censurar corpos que não se enquadram nos esperados padrões de beleza institucionalizados pela indústria que edita a tipologia de corpos para torná-los perfeitos. O mecanismo de controle de corpos está presente nas redes sociais, o que causa tensionamentos nos perfis de usuários, pois alguns se autoimbuem de uma autoridade que não deveria lhes dizer respeito. Os vigilantes supervisores dessas redes sociais acreditam em um regime de verdade e provocam violências com as alteridades de corpos, passando a realizar confrontações antissociais com um poder que impregna seus discursos.

As vigilâncias tecnológicas da internet podem mostrar que a ideia de privacidade está obsoleta, a menos que não se participe das redes sociais, mas não se pode escapar de outras formas de vigilâncias como câmeras nas ruas, imagens de satélites, dispositivos de celulares, entre outras. Juan Martín Prada vê na internet uma nova forma de encarnação da ideia do panóptico, de 1785, de Jeremy Bentham e acrescenta:

salta à vista que o chamado ‘panóptico participativo’ em que os usuários mesmos das redes fazem uso das ferramentas de produção de ‘transparência’ tem formas muito diferentes de acontecer. Desde já, a conversão dos milhões de usuários em pequenos *Big Brothers* se dá de forma inevitável. Uma ‘captura participativa’, uma ‘vigilância de baixo’ (vigilância ou vigilância inversa), isto é, por parte de quem são objeto de vigilância, que, em todo caso, guarda imensas possibilidades ainda por descobrir no campo da ação política.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Juan Martín Prada. Práticas artísticas e internet en la épocas de las redes sociales. Ediciones Akal: Madrid, 2015, p. 55.

Tais transfigurações de panópticos são exercidas pelas tecnologias de comunicação e de informação. Pode-se lembrar ainda do “pan-óptico”, em *Vigiar e Punir*, 1975, de Michel Foucault, como normas disciplinares de controle. As formas de observações e vigilâncias de relações humanas atuam nos sistemas de redes e nem sempre as interações sociais são afetuosas, pois interatividade e afetividade podem não caminhar juntas.

Morris-Cafiero passou por isso quando a série *Wait Watchers* – embora feita para uma galeria – foi publicada em um blog, em 2013, e passou a receber comentários críticos negativos<sup>7</sup> sobre a sua aparência física: a forma do seu corpo, o peso, as roupas, a falta de maquiagem. Estas foram alguns das frases endereçadas à artista:

seu trabalho te deixa aberta a críticas. Você é gorda e nojenta teus braços me fazem querer vomitar. O maior problema é que ela é nojenta. Porque você só não diz não para a comida e tenta fazer um pouco de exercício? Eu só não entendo porque mulheres se permitem engordar. Você sabe que você é tratada como merda. Pessoas normais nunca vão querer transar contigo, não importa o quanto você reclamar. Sim, todo mundo pensa que tu és repugnante.<sup>8</sup>

Diante de controles na internet, Juan Martín Prada (2015, p. 59) se pergunta “como podemos vigiar aqueles que nos vigiam?” E se pode acrescentar: como fazer frente a isso? Como enfrentar esses aparatos de vigilância em relação aos julgamentos dos corpos das mulheres? Haley refletiu sobre os *cyberbullies* que recebera pela internet em *e-mails*, *tweets*, postagens no Instagram, blogs e seções de comentários *online* e resolveu devolver com uma outra série de fotografias, denominada *The Bully Pulpit* (2011) “de forma a retribuir aos seus inimigos com aquilo que mais os incomodava”. Isto significava, continua a artista, “que eu precisava fotografar no estilo guerrilheiro, porque sabia que, se fotografasse várias vezes, me tornaria um espetáculo” (apud SMYTH, 2021). Assim, respondeu aos insultos com os próprios insultos e com fotografias que remetem a aparências físicas dos autores dos improperios, tentando desarmar os posicionamentos agressivos que recebera de forma escrita (Figura 4).

---

<sup>7</sup> Esta série viralizou na mídia: a revista People chamou a série de “poderosa”, e Life & Style chamou as imagens de “comoventes”. A revista New York escreveu: “A frequência com que Morris-Cafiero consegue documentar o visível desdém dos transeuntes por seu corpo parece bastante deprimente”. Embora tenha recebido comentários positivos, o Trolling online publicou comentários negativos. Na seção de comentários do Daily Mail, a maioria dos 4.000 comentários foram negativos. Essa popularização levou a ser convidada a programas de televisão para falar sobre a obesidade. (HALEY MORRIS-CAFIERO. Hmoob. Disponível em: [https://www.hmoob.in/wiki/Haley\\_Morris-Cafiero](https://www.hmoob.in/wiki/Haley_Morris-Cafiero). Acesso em 17 jan. 2021.)

<sup>8</sup> Frases enviadas à artista por seus detratores que acompanham as fotografias da série *The Bully Pulpit*. Ver em: MORRIS-CAFIERO, Haley. Site da artista. Disponível em: <http://www.haleymorriscaferio.com/>. Acesso em 17 jan. 2021.



**Figura 4.** Haley Morris-Cafiero. *Redbeard*, 2018. Fotografia, 76.2 x 101 cm. Cortesia: arquivo da artista

Após consultar o perfil *online* dessas pessoas, a artista recriou as imagens de seus críticos se fotografando fantasiada com perucas, roupas e próteses junto às transcrições das frases odiosas que recebera. As frases que Haley justapõe em suas fotografias aparecem impressas sobre a roupa que usa ou estão escritas no ambiente no qual se fotografa (Figura 5).

Eu percebi que uma imagem não poderia ter eficácia na internet. Então, foi necessário responder pela fotografia. Eu salvei comentários ao longo dos anos, eu comecei a olhar o perfil de seus autores nas redes sociais(...)as pessoas diziam coisas cheias de ódio sobre mim.(...) Então, eu resolvi escolher 25 dentre eles. Eu me vesti para ficar parecida com eles e eu inseri seus comentários odiosos dentro da fotografia. Assim eles não podem modificar ou suprimir minha resposta. (...) Eu utilizo para lhes responder a lhes dizer: Veja isto que você me disse.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Depoimento de Haley Morris-Cafiero. Twitter: @France24\_fr. 21 jul. 2021. Disponível em: [https://twitter.com/France24\\_fr/status/1417866660120256514](https://twitter.com/France24_fr/status/1417866660120256514). Acesso em 10 set. 2021.



**Figura 5.** Haley Morris-Cafiero. *Treated Like Shit*, 2018. Fotografia, 101 x 76 cm. Cortesia: arquivo da artista

Os seus autorretratos não deixam de mostrar uma fotografia de função documentária, mesmo em se tratando de fotografias performadas, pois registram o comportamento social de outras pessoas frente a uma situação corporal de alteridade, de insubordinação aos estereótipos. Ao falar do diário íntimo como um dos novos temas da fotografia contemporânea centrado nas relações do próprio corpo, Lorenç Raich Munhoz (2012, p. 34) se pergunta que interesse artístico teria o seu próprio corpo de criar uma realidade subjetiva e ao que ele mesmo responde que “a partir de universos próprios pode-se oferecer uma compreensão universal do ser humano”. É justamente isso que o trabalho de Haley parece fazer, pois o que a artista faz ver também são conflitos dos outros.

Portanto, a artista usa da ironia e da paródia para devolver com fotografias e textos, os ataques a ela atribuídos, publicando na internet, mesmo veículo dos seus perseguidores, para que fossem vistos por milhares de pessoas (Figura 6). Com esta série a artista demonstra uma atitude subversiva, de insubordinação ao papel de musa esperado pela sociedade. Haley afirma ter ficado surpresa com a reação das pessoas porque ela não era uma celebridade, mas uma fotógrafa e professora:

Eles queriam fama para si próprios ou me intimidar para que eu parasse de tirar fotos, mas receber tantos abusos apenas me alimentou. Ainda é socialmente aceitável comentar sobre o corpo de uma mulher de uma forma que você não faria para um homem, mesmo que seja um elogio. Há uma expectativa de que as mulheres sejam visualmente atraentes e, dessa forma, não estamos totalmente no controle de nossos corpos. As normas estão mudando, mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Pessoas com esses sentimentos negativos são ainda mais radicais agora. E não quero falar apenas sobre o tamanho do corpo, ou sobre as mulheres com meu trabalho. Estou pensando sobre o ato de ser como protesto, sobre corpos que existem fora da norma social.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Haley Morris-Cafiero apud SMYTH, Diane. Muscling in at LA's Muscle Beach: Haley Morris-Cafiero's best photograph. *The Guardian*, 22 set. 2021. <https://www.theguardian.com/artanddesign/2021/sep/22/haley-morris-cafiero-best-photograph-muscle-guerrilla-beach>. Acesso em: 11 nov. 2021.



**Figura 6.** Haley Morris-Cafiero. *Steam*, 2018. Fotografia, 101 x 76 cm. Cortesia: arquivo da artista

Como mostra o experimento social realizado com as obras da artista, ainda é preciso muita luta por parte das mulheres para que sejam respeitadas, pois o domínio masculino continua imperativo. O mais decepcionante é ver mulheres desinteressadas nessa luta, mulheres que compactuam com os opressores, seja pelo silêncio ou por medo. Infelizmente, há mulheres que se dizem feministas, mas na hora de apoiar outras mulheres que têm seus direitos ignorados, desrespeitados ou que passam por humilhação, não fazem nenhum gesto para ajudar a romper com a situação. É desolador constatar que em determinados segmentos sociais nem as próprias mulheres se unem contra os preconceitos e injustiças com o próprio gênero. Daí a importância de que as artistas construam poéticas que provoquem interrogações e façam refletir sobre o comportamento privado e social

na forma de tratamento das mulheres. E que a história da arte pensada e escrita por mulheres – e, também, por homens – possa lutar para conscientizar a sociedade no sentido da aceitação das diferenças de cada pessoa.

A distinção entre as duas séries aqui analisadas é de que em *Wait Watchers*, Morris-Cafiero se coloca como ela mesma para interrogar seu pertencimento social em meio a coletivos de desconhecidos; e, em *The Bully Pulpit*, a artista incorpora personagens, outras identidades muito distantes de sua própria forma de pensar e de se colocar no mundo: “corpo e identidade são conceitos codependentes devido à relação que ambos têm com valores individuais e coletivos, que frequentemente estão nos discursos da nossa sociedade” (ORFANÓ, 2015, p. 99). E esse discurso pode vir tanto por meio da linguagem corporal, como na série de *Wait Watchers*, ou por palavras como na série *The Bully Pulpit*. As obras de Haley Morris-Cafiero representam ao mesmo tempo uma luta contra o assédio moral e um acolhimento pela aceitação de si, tanto que além de ela ensinar fotografia na universidade, organiza ateliês para ajudar mulheres jovens a encontrar formas de enfrentar as críticas sofridas na sociedade por não se enquadrarem nos cânones deterministas sobre o que é entendido como um corpo perfeito. Faz-se necessário, portanto, que historiadoras da arte avancem nas pesquisas sobre trabalhos de artistas e que proponham alteridades em relação aos padrões hegemônicos. O seu trabalho representa uma luta do feminismo, assunto que, felizmente, nos tempos atuais tem ganhado interesse e espaço nas pesquisas acadêmicas. Espera-se que, com isso, possa-se alcançar um lastro maior da sociedade para humanizar as relações de convivência entre as pessoas e que as individualidades e diferenças sejam respeitadas.

## Referências

BRIGHT, Susan. *Autofocus: l`autorportrait dans la photographie contemporaine*. Paris: Editions Thames & Hudson, 2010.

DROGUETT, Juan Fuillermo “Corpo e representação” in Lyra, Bernardete; GARCIA, Wilton (orgs.). *Corpo e Cultura*. São Paulo: Xamã: ECA-USP, 2001.

HEIDT, Erhard U. “Cuerpo y cultura: la construcción social del cuerpo humano”; OLIVARES, Rosa. “Em Cuerpo y alma” in PÉREZ, David (ed.) *La certeza vulnerable, cuerpo y fotografía em el siglo XXI*. Barcelona: Gustavo Gili, 2004.

MORA, Gilles. “Manifeste autobiographique” in MÈAUX, Danièle; VRAY, Jean-Bernard. *Traces photographiques, Traces autobiographiques*. Saint Étienne: Université de Saint Étienne, 2004.

MORRIS-CAFIERO, Haley. Site da artista. Disponível em: <http://www.haleymorriscafiero.com/>. Acesso em 17 jan. 2021.

MORRIS-CAFIERO, Haley. *La photographe qui défie les trolls*.

Depoimento de Haley Morris-Cafiero. Twitter: @France24\_fr. 21 jul. 2021. Disponível em: [https://twitter.com/France24\\_fr/status/1417866660120256514](https://twitter.com/France24_fr/status/1417866660120256514). Acesso em 10 set. 2021.

MORRIS-CAFIERO, Haley. *The Bully Pulpit*. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=bmwJbMgV\\_v8&](https://www.youtube.com/watch?v=bmwJbMgV_v8&). Acesso em 15 nov. 2021.

HALEY MORRIS-CAFIERO. Hmoob. Disponível em: [https://www.hmoob.in/wiki/Haley\\_Morris-Cafiero](https://www.hmoob.in/wiki/Haley_Morris-Cafiero). Acesso em 17 jan. 2021.

MUNHOZ, Lorenç Raich. *Corpografia: el cuerpo em la fotografia contemporânea*. Madrid: Casimiro Libros, 2012.

PRADA, Juan Martín. *Práticas artísticas e internet en la épocas de las redes sociales*. Ediciones Akal: Madrid, 2015.

ORFANÓ, Barbara Malveira. “Corpo e Estética na Mídia” in Souza, Eneida Maria de; ASSUNÇÃO, Antônio Luiz; BOËCHAT, Melissa Gonçalves. *Corpo, arte e tecnologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

SMYTH, Diane. Muscling in at LA’s Muscle Beach: Haley Morris-Cafiero’s best photograph. *The Guardian*, 22 set. 2021. <https://www.theguardian.com/artanddesign/2021/sep/22/haley-morris-cafiero-best-photograph-muscle-guerilla-beach>. Acesso em: 11 nov. 2021.

TAGG, John. *El peso de la representación*. Barcelona: Gustavo Gili, 1988.

#### Como citar:

LEGRAMANTE RIBEIRO, Niura A. Autorretratos fotográficos: embates com os códigos idealizadores do corpo feminino. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 209-222, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.  
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.017>  
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>